

# A beleza da astrofotografia (Diário de Notícias 20020921)

*António Magalhães*

Herschel é um dos apelidos mais referidos quando se fala no progresso da astronomia. William Herschel era músico, mas a sua paixão pela observação do céu levou-o a construir telescópios. A descoberta do sétimo planeta do sistema solar (Urano), em 1781, não só o tornou famoso como lhe permitiu dedicar-se ainda mais à sua paixão. Para além de duas luas desse planeta e de uma de Saturno, descobriu cerca de 2500 nebulosas e enxames de estrelas.

Seu filho, John, foi também um astrónomo notável e criou dois catálogos ainda em uso na actualidade, um de nebulosas e outro de estrelas duplas e múltiplas. Terá sido a primeira pessoa a usar (em 1839) uma palavra que hoje é perfeitamente vulgar: «fotografia». Referia-se ao processo de obtenção de imagens, então rudimentar, mas cujos progressos são bem conhecidos.

Quando contemplamos uma paisagem de grande beleza ou presenciamos um acontecimento marcante, sentimos o desejo de registar essas imagens, não só para as podermos rever como para mostrar a outras pessoas.

Um dos espectáculos mais belos que nos é dado apreciar, em especial quando estamos longe de iluminações artificiais, é um céu límpido e cheio de estrelas. Mas a abóbada que nos parece cobrir pode mostrar muito mais: conjunções de planetas, a passagem de cometas, chuvas de meteoros e eclipses. Caso se tenha acesso a um telescópio, uma imensidade de galáxias e nebulosas vem aumentar ainda mais os motivos de interesse e fascínio. De facto, não faltam no céu imagens de cortar a respiração e que gostaríamos de poder guardar para sempre.

Quem visite o Planetário Gulbenkian da Marinha, junto ao Mosteiro dos Jerónimos em Lisboa, poderá ver em exposição permanente algumas imagens obtidas por um astrofotógrafo notável e nome marcante da astronomia portuguesa, o comandante Conceição Silva. Numa leitura atenta da ficha técnica dessas imagens, poderá verificar-se que algumas exigiram exposições de muitas horas. Com o obturador da câmara fotográfica aberto, havia que manter o telescópio bem apontado para o objecto durante horas e muitas vezes recomeçar na noite seguinte, exactamente no mesmo ponto, para aumentar o tempo de exposição. É óbvio que foi uma tarefa árdua e poderá fazer pensar que fotografar o céu é algo apenas ao alcance de quem tenha poderosas câmaras e gigantescos telescópios.

Num livro acabado de publicar pela Plátano Edições Técnicas, o autor, Pedro Ré, mostra, numa linguagem acessível, como é fácil registar imagens encantadoras do céu e como obter diversos tipos de fotografias de estrelas e constelações, recorrendo a materiais ao alcance de quase todos. De facto, basta uma câmara bem simples (se for muito sofisticada pode deixar de ser útil), um vulgar tripé de fotografia e um disparador de cabo. Depois de lermos este capítulo, somos levados a concluir que o mais difícil talvez seja encontrar um lugar afastado de luzes indesejáveis....

O trabalho, profusamente ilustrado com imagens de diversas fontes, mas em especial do próprio autor, começa por fazer um breve resumo da história da fotografia em geral e da astronómica em particular. Sem nunca cair em tecnicismos que em nada ajudariam quem queira começar, dá indicações preciosas dos procedimentos a seguir, desde a fotografia mais simples até aos registos com as sofisticadas câmaras refrigeradas (CCD). O autor, um dos melhores astrofotógrafos portugueses da actualidade, tem visto frequentemente imagens suas publicadas nas mais importantes revistas da especialidade, tanto europeias como norte-americanas.

*Fotografar o Céu* tem um preço de capa de 27 euros.

*a.magalhaes@flaredesign.com*